

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

FERNANDA BRIGATTI VALENTIN

**Cultura do ódio: os efeitos das promessas que a
democracia liberal não cumpriu**

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Cultura do ódio: os efeitos da promessa que a democracia liberal não cumpriu

Fernanda Brigatti Valentin

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr Dennis de Oliveira

São Paulo

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico os esforços desse trabalho aos meus pais, que sempre confiaram na educação como um novo norte; à minha tia Leiri Valentin, pelo incentivo intelectual incansável; ao meu companheiro, pela paciência e sacrifícios compartilhados no caminho. Aos amigos e familiares, pelo amor.

Ao Prof. Dr. Dennis de Oliveira, meu orientador, pela tranquilidade e confiança na possibilidade desse início de jornada acadêmica. Aos colegas do Celacc, que bom que nos encontramos por aqui.

CULTURA DO ÓDIO¹

Fernanda Brigatti Valentin²

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal compreender os significados e sentidos que nós podemos construir sobre o discurso do ódio veiculado no período eleitoral de 2018. A pesquisa foi realizada por meio da análise de um vídeo veiculado pela plataforma *Youtube*, publicado em setembro de 2018, por Olavo de Carvalho. A análise se constituiu no domínio do gênero do discurso, por isso utiliza como referencial teórico-metodológico as ideias de Eni Orlandi. Os discursos de ódio vêm se estruturando no tecido social e no imaginário do Brasil. Compreende-se a existência de uma crise de múltiplas identidades agravadas por promessas não entregues por uma globalização que rompeu velhas estruturas, sem uma contrapartida segura aos sujeitos afetados por ela.

Palavras-chave: Discurso de ódio. Olavo de Carvalho. Disputa eleitoral.

Abstract: This article aims to investigate the meanings that we can build on the hate speech conveyed during the electoral period of 2018. The research was carried out through the analysis of a video broadcast on the YouTube platform, published in September 2018, by Olavo de Carvalho. The analysis was constituted in the domain of the discourse genre, so it uses as theoretical-methodological reference the ideas of Eni Orlandi. Hate speeches have become part of the social fabric and imaginary of Brazil. It is understood the existence of a crisis of multiple identities aggravated by promises not delivered by a globalization that broke old structures without providing safe manners to give balance for those who were affected by it.

Key words: Hate speech. Olavo de Carvalho. Electoral disputes.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo principal comprender los significados y sentidos que podemos construir sobre el discurso del odio vehiculado en el período electoral de 2018. La investigación fue realizada por medio del análisis de un vídeo vehiculado por la plataforma *Youtube*, publicado en septiembre de 2018 por Olavo de Carvalho. El análisis se constituyó en el dominio del género del discurso, por lo que utiliza como referencial teórico-metodológico las ideas de Eni Orlandi. Los discursos de odio se están estructurando en el tejido social y en el imaginario de Brasil. Se comprende la existencia de una crisis de múltiples identidades agravadas por promesas que no se han cumplido por una globalización que rompió viejas estructuras, sin una contrapartida segura a los sujetos afectados por ella.

Palabras clave: Discurso de odio. Olavo de Carvalho. Disputa elecciones.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura da ECA-USP; e-mail: fernandabrigatti@usp.br

Introdução

Em outubro de 2018, 57.797.847 brasileiros que foram às urnas do Brasil escolheram o candidato Jair Bolsonaro (PSL) para ocupar o cargo mais importante do Poder Executivo. Com uma campanha fora dos moldes tradicionais e um discurso baseado, principalmente, na defesa dos direitos individuais, da segurança pública, de valores familiares tradicionais e de oposição à esquerda, Bolsonaro vence as eleições e parece solidificar o sinal de que maré conservadora chegou ao Brasil, naquilo que Souto et.al. (2018, p.140) aponta, ao “recordar a analogia de Brecht entre o fascista e o burguês assustado, o crescimento de candidaturas ultraconservadoras.” Essa mesma maré passou pelos Estados Unidos, onde Donald Trump foi eleito; pelo Reino Unido, cuja população majoritariamente foi favorável à saída da União Européia; na Argentina, que escolheu o liberal Mauricio Macri para a presidência; e na Alemanha, onde, em 2017, o partido de extrema-direita Alternativa para Alemanha conseguiu assento no parlamento.

E chega em um país que vivencia uma sequência de escândalos políticos, operações policiais, prisões, investigações, delações premiadas e sucessivas denúncias de corrupção, e no qual, em setembro de 2018, 12,4 milhões de pessoas estavam sem trabalho, 11,5 milhões trabalhavam sem registro em carteira e 4,7 milhões tinham desistido de buscar uma vaga de emprego³.

Com um discurso que mistura o ultraliberalismo econômico (segundo o qual o Estado deve se abster de qualquer tipo de regulação da economia e deve privilegiar a liberdade do capital privado) e o revisionismo histórico (procedimento usado criticar certa historiografia e, no caso do presidente eleito, especialmente quanto ao período da Ditadura Civil-Militar⁴), Bolsonaro se apresentou como aquele capaz de unir os verdadeiros brasileiros, os trabalhadores, os “homens de bem”. Prometeu e conquistou a confiança de que seria o homem forte, o pai sincero que resolveria “tudo isso aí”.

Há ainda outra marca em sua eleição, talvez mais simbólica, que é a da emergência dos discursos de ódio. O ódio à política, ódio à democracia, ódio à esquerda, ódio à imprensa, ódio ao outro, ou seja, o ódio entendido como oriundo da

³ Dados disponíveis em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?t=o>

⁴ Sobre as tentativas de normalização e atribuição de corresponsabilização da esquerda durante a Ditadura, ver Melo (2013)

opressão, que, segundo Lebrun (2008, p.9), a civilização “impõe sempre um gozo a menor, uma falta, uma restrição e a isso respondemos com ódio”.

Por meio das redes sociais, seus apoiadores agem em trincheiras para atacar, questionar, perseguir e construir novas realidades, atropelando sinais de bom-senso ou solidariedade. Odiar o outro já não é constrangedor, é sinal de honestidade, é marca de diferença, de distinção.

Não seria exagero dizer que vivemos hoje um emaranhado de crises, rupturas e transformações, muitas das quais ainda levaremos tempo para entender mais claramente a extensão de seus tentáculos e consequências mais profundas.

Como sociedade, como cultura, nos resta questionar o percurso que fizemos até aqui, na tentativa de compreender os movimentos – próprios da cultura – que permitiram esse tipo de discurso tomar tanta força até que fosse praticamente institucionalizado. Importante também porque esse discurso não dá sinais de enfraquecimento e há a possibilidade real de lidarmos com suas consequências em um futuro próximo.

O repúdio à racionalidade acaba, portanto, tomando um rumo inesperado. Quando tudo é narrativa, para usar um anglicismo absorvido pelo discurso da direita contemporâneo, a verdade e os fatos tornam-se cambiáveis e ajustáveis às necessidades de quem os vê. As guerras culturais, como foram chamados os debates sobre raça, religião e gênero, voltam com força total ao centro do debate (KAKUTANI, 2018).

Diante do exposto, consideramos importante analisar os discursos veiculados na mídia durante o processo eleitoral de 2018. Assim, discernimos uma questão geral que se coloca como relevante e orientadora para esta investigação: que significados e sentidos nós podemos construir sobre o discurso do ódio veiculado no período eleitoral de 2018? Tendo em vista tal questão de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho é explorar a configuração do discurso em um vídeo de 11 minutos, veiculado pela plataforma *Youtube*, que nos permite observar e analisar os significados presentes no discurso de alguém a quem o presidente eleito e seus apoiadores atribuem confiabilidade.

Na tentativa de facilitar compreensão dos resultados deste trabalho, organizamos a leitura da seguinte forma, após a introdução, encerrada aqui:

1. Procedimentos metodológicos
2. A crise da democracia e o fortalecimento dos discursos

3. O discurso de Olavo de Carvalho: o discurso da direita no Brasil

3.1 Desvendando os primeiros sinais do discurso

3.2 Revisando a história

3.3 Sinais de grande conspiração

3.4 Ecos da Guerra Fria

4. Considerações finais

5. Referências

1.Procedimentos metodológicos

Compreendemos aqui uma série de acontecimentos e movimentos próprios da cultura que fazem parte das condições favoráveis ao fortalecimento e capilarização de novos e velhos radicalismos, no que compreendemos como discursos de ódio. Segundo Malhães (2005, p. 305), a noção de discurso é uma consequência da premissa hermenêutica de que a interpretação do sentido deve levar em conta que a significação é construída no interior da fala de um determinado sujeito; quando um emissor tentar mostrar o mundo para um interlocutor, numa determinada situação, a partir de seu ponto de vista, movido por uma intenção.

A partir dessa noção de que o emissor apresenta um mundo a partir de seu ponto de vista, buscamos analisar, por meio do método da análise de discurso, o que diz um dos mais relevantes pensadores da nova direita brasileira, o escritor Olavo de Carvalho, na tentativa de compreender, ainda que parcialmente, as relações de força que permitem o crescimento e fortalecimento desses discursos. “Como analisar significa dividir, a análise de discurso é, na verdade, a desconstrução do texto em discursos, ou seja, em vozes. A técnica consiste em desmontar para perceber como foi montado” (MALHÃES, 2005, p.306).

A opção para efeito deste trabalho foi a seleção de um vídeo de 11 minutos, publicado na plataforma *Youtube* (<https://youtube/watch?v=Px52qSmdQs8>), no qual Olavo de Carvalho apresenta os motivos pelos quais a eleição de Jair Bolsonaro (PSL) – que terminaria o pleito de 2018 eleito presidente – seria importante.

Propomos utilizar então o método de análise de discurso apresentado por Eni Orlandi, no sentido de “procurar mostrar, em relação à organização textual, como se constrói a unidade do texto a partir do processo de produção do sentido. Para tal, não prescinde do concurso da ideologia” (ORLANDI, 2012, p. 95-96).

Orlandi (2012) afirma que a natureza da relação que se estabelece com o texto é a base do que se entende por legibilidade, e ela é feita gradualmente. “A leitura (...) não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade” (ORLANDI, 2012, p.10).

Ela explica que existe, na leitura, uma relação básica de jogo entre o leitor virtual e o leitor real e que a interação não se dá com o texto, mas com outros sujeitos, como o autor. Essa relação é sempre social (entre sujeitos) e histórica. Segundo Orlandi (2012, p.11),

A leitura é o momento crítico da produção de unidade textual, da sua realidade significante. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos, se constituem simultaneamente, num mesmo processo.

Essa relação entre os interlocutores não é, porém, o único componente da situação de leitura, pois depende também de “elementos como a relação do texto com o autor, com outros textos, com seu referente, com o leitor etc” (ORLANDI, 2012, p.11). Portanto, a importância que o leitor dá a esse interlocutor é fundamental na relação de leitura. O nível de detalhamento e mesmo de comprovação de argumentos e teses é até menos importante do que quem apresenta esses argumentos. A autora citada afirma que:

Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que não está dito mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entendo o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas etc. (ORLANDI, 2012, p.13).

Ao analisar os recortes do texto apresentado nesse trabalho, propomos observar também os não ditos e as relações de forças do texto, posto que, o lugar social dos interlocutores é parte constitutiva do processo de significação. Orlandi (2012, p.22) explica que, na perspectiva da análise de discurso, “tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relação de poder, constituição de identidades etc”.

Além disso, é importante considerar o discurso como algo móvel, contínuo, pois há uma relação de intertextualidade entre os discursos: um discurso nasce em outro e aponta para outro. Essa noção é relevante, pois, ainda que esse trabalho observe um único produto, temos em mente que ele parte de outros discursos – do mesmo interlocutor e de outros – e segue o fluxo de dar origem a outros.

Como se trata de um vídeo, um arquivo público e direcionado a uma audiência esperada – pessoas interessadas nesse tipo de conteúdo, temática e que, possivelmente, já conheçam o interlocutor – podemos ver também o que Eni Orlandi chama de a estratégia discursiva de “prever, situar-se no lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de locutor. Esse mecanismo regula a possibilidade de respostas e dirige a argumentação: são as antecipações” (ORLANDI, 2012, p.23).

Às diversas possibilidades de análise discurso, propomos aqui observar o que Eni Orlandi chama de o funcionamento dos diferentes discursos, partindo dos critérios de interação (reversibilidade, troca de papéis ou estatutos entre os interlocutores) e a relação entre polissemia e paráfrase (a possibilidade ou não de múltiplos sentidos). Orlandi (2012, p.32) explica:

Assim, o tipo autoritário é o que tende para a paráfrase (o mesmo) e em que se procura conter a reversibilidade (há um agente único: a reversibilidade tende a zero), em que a polissemia é contida (procura-se impor um só sentido) em que o objeto do discurso (seu referente) fica dominado pelo próprio dizer (o objeto praticamente desaparece). O discurso polêmico é o que apresenta um equilíbrio tenso entre polissemia e paráfrase, em que a reversibilidade se dá sob condições é disputada pelos interlocutores, em que o objeto do discurso não está obscurecido pelo dizer, mas é direcionado pela disputa (perspectivas particularizantes) entre os interlocutores, havendo assim a possibilidade de mais de um sentido: a polissemia é controlada.

E se, na observação do texto a seguir nos depararmos com a tentação de apontá-lo como autoritário, a partir dessas definições, Orlandi (2012), destaca que, definir um discurso autoritário como dominante é dizer que o uso da linguagem está polarizado para o lado da paráfrase, e que isso é um deslize ideológico, pois se atribui à linguagem algo que é historicamente determinado e se dá em relação a um tipo de discurso numa determinada formação social. É preferível, segundo ela, dizer que há discursos que tendem para o tipo autoritário, pois nenhum tipo é puro.

Analisar esse discurso deve ser feito, então, a partir de tentativas de descrições, nas quais se faz necessário encontrar traços, marcas linguísticas responsáveis pelas diferentes formas de funcionamentos dos discursos. São marcas gramaticais, como uso da negação e do imperativo, e textuais, como uso da antítese e da metáfora. “Procuro detectar marcas e propriedades do discurso, analisando seu funcionamento e estabelecendo a relação entre esses funcionamentos e formações discursivas que, por sua vez, remetam a certa formação ideológica” (ORLANDI, 2012, p.33-34).

2. A crise da democracia e o fortalecimento dos discursos

No Brasil da segunda metade de 2018, um ciclo parece chegar ao fim, para dar início a um período marcado por dúvida e desconfiança e do qual uma das marcas mais dolorosas parece ser o ódio e a polarização.

Ainda que o contexto brasileiro tenha suas especificidades, a emergência do discurso ultraconservador, de viés nacionalista e antiglobalista vêm aparecendo e se fortalecendo em todo o mundo.

Dessas múltiplas crises, segundo Castells (2018, p. 7-8), a mais profunda e de consequências devastadoras é essa que resulta na “ruptura da relação entre governantes e governados”, um rompimento ao mesmo tempo emocional e cognitivo. Castells (2018) considera que “trata-se de um colapso gradual de um modelo político de representação e governança: a democracia liberal que se havia consolidado nos últimos dois séculos, à custa de lágrimas, suor e sangue, contra os Estados autoritários e o arbítrio institucional”.

Segundo Castells (2018), no centro dessa ruptura está a frustração de esperanças diante de uma promessa que o modelo de democracia liberal, assumido em boa parte do mundo ocidental, não cumpriu. Essa frustração põe em xeque a legitimidade das instituições e dá espaço para que a resignação seja substituída por indignação. O que o modelo prometia era, segundo Castells (2018, p.11-12)

(...) respeito aos direitos básicos das pessoas e aos direitos políticos dos cidadãos, incluídas as liberdades de associação, reunião e expressão, mediante o império da lei protegida pelos tribunais; separação dos poderes entre Executivo, Legislativo e Judiciário; eleição livre, periódica e contrastada dos que ocupam os cargos decisórios em cada um dos poderes; submissão do Estado, e de todos os seus aparelhos àqueles que receberam a delegação do poder dos cidadãos; possibilidade de rever e atualizar a Constituição na qual se plasmam os princípios das instituições democráticas. E, claro, exclusão dos poderes econômicos ou ideológicos na condução dos assuntos públicos mediante sua influência oculta sobre o sistema político.

O próprio conceito de democracia tem seus duelos. Se hoje é interpretada como um modo de organização política e social no qual se decide a composição do parlamento e dos representantes executivos por meio do voto direto ou indireto – a democracia representativa –, passa por ajustes conceituais no decorrer da história, ganhando outros significados a cada tempo, acumulando escândalos próprios de seus modos e contradições. Para Rancière (2014, p. 72),

Longe de ser a forma de vida dos indivíduos empenhados em sua

felicidade privada, é o processo de luta contra essa privatização, o processo de ampliação dessa esfera. Ampliar a esfera pública não significa como afirma o chamado discurso liberal, exigir a intervenção crescente do Estado na sociedade. Significa lutar contra a divisão do público e do privado que garante a dupla dominação da oligarquia no Estado e na sociedade.

Já modelo de democracia liberal integra um dos paradigmas da globalização como processo civilizatório promovido pelos Estados Unidos, a partir do fim da Guerra Fria, da qual o bloco liderado por esse país saiu vitorioso (OLIVEIRA, 2015). Esse processo incluía ainda a economia de mercado e a desregulamentação da economia. Oliveira (2015, p. 411) afirma:

Este processo civilizatório conformou um modelo de mundo “conectado” garantido pelo extraordinário desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. As infovias garantiram tanto uma possibilidade de irradiação ideológica deste processo civilizatório como nunca visto antes na história da humanidade, como também possibilidades novas para a expansão do capital tanto na indústria da cultura e da mídia, e ainda na organização das novas estruturas produtivas que se configuraram como uma linha de montagem global.

Dá início também a uma avalanche conservadora e, contraditoriamente, faz “emergir novos conflitos, principalmente no campo das perspectivas culturais e identitárias” (OLIVEIRA, 2015, p.411). A partir dessa linha de montagem global vemos o sujeito descentrado, aquele que, para Hall (2015, p.18), foi libertado de “seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas”.

Esse sujeito passa por uma profunda transformação da estrutura das sociedades modernas desde o fim do século XX. Para ele, essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios (HALL, 2015). “A identidade somente se torna uma questão quando se está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado da experiência de dúvida e incerteza.” (MERCER, 1990 apud HALL, 2015, p.10⁵). É esse mesmo sujeito descentrado, de identidade fragmentada, que não se vê representado no guarda-chuva institucional, ou mesmo em uma suposta identidade nacional historicamente forjada.

Castells (2018) aponta que a crise de representação de interesses se une a uma crise identitária como resultado da globalização. Ele considera que:

Quanto menos controle as pessoas têm sobre o mercado e sobre

⁵ MERCER, Kobena. Welcome do the jungle, in: J Rutherford (organização), Identity, Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

seu Estado, mais se recolhem numa identidade própria que não possa ser dissolvida pela vertigem dos fluxos globais. Refugiam-se em sua nação, em seu território, em seu deus. Enquanto as elites triunfantes da globalização se proclamam cidadãs do mundo, amplos setores sociais se entrincheiram nos espaços culturais nos quais se reconhecem e nos quais seu valor depende de sua comunidade, não de sua conta bancária. À fratura social se une a fratura cultural. O desprezo das elites pelo medo das pessoas de saírem daquilo que é local sem garantias de proteção se transforma em humilhação.

Traços essenciais à globalização, como o multiculturalismo e a imigração (CASTELLS, 2018), levam a uma busca por abrigo entre iguais. O discurso do medo e do terror ganha espaço num tecido social de insegurança ou ainda, nas palavras de Bauman (2013, p.3), “de uma sociedade em que as redes substituem estruturas – e em que o jogo interminável de conectar-se e desconectar-se (...) substitui a determinação, a lealdade e o pertencimento”. Abre-se espaço então para uma “prática política do medo, que propõe um retorno às origens, passando pela força do Estado, pela família patriarcal, ao fundamento religioso” (CASTELLS, 2018, p. 37-38).

A criação de identidades coletivas acaba sendo essencial para o êxito de movimentos e mobilizações que se aproveitam dessa percepção de sujeitos ameaçados por um inimigo comum. Para Camila Rocha (2018, p.48), essas dinâmicas emocionais “criam momentos mais propícios para a ação de determinados grupos e, nos últimos anos, a habilidade no uso (e a própria lógica) das mídias sociais” foram fatores fundamentais ao boom das novas direitas no Brasil.

Encontramos coro no que Luis Felipe Miguel (2018, p.17) considera “a reemergência da direita brasileira, movimento que ganha visibilidade e relevância especialmente ao longo do ciclo de governos petistas”. Miguel considera que, durante o governo Lula, o incômodo com um governo que – ao menos aparentemente – não correspondia às trajetórias mais conservadoras foi contornado. Na gestão Dilma Rousseff, porém, essa acomodação se rompe e vira ressentimento, resultando no impeachment que a derrubou.

Esse é o pano de fundo que fortalece um movimento à direita, de uma “confluência de grupos diversos, cuja união é sobretudo pragmática e motivada pela percepção de um inimigo comum” (MIGUEL, 2018, p. 19). Para o autor citado, a extrema-direita brasileira se organiza em três vertentes principais, que são:

libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do anticomunismo, agora sob o nome de bolivarianismo.

Carapanã (2018, p.34) considera esse aglomerado de ideais, mais ou menos coeso, o corpo da “nova direita”, aos quais se unem também ideias como eugenismo e segregação racial, “que fazem com que a nova direita flerte, de maneira consciente ou inconsciente, com constructos que remetem ao nazismo e ao fascismo”. Já Flávio Henrique Calheiros Casimiro (2018, p.41) classifica o avanço desse pensamento um tipo de refluxo reacionário, que não pode ser reduzido os movimentos que levaram ao impeachment de Dilma Rousseff.

Apoiada nas novas tecnologias de comunicação e no espaço que ganha nos meios tradicionais, a extrema-direita redefine os termos do debate político no Brasil, destruindo consensos que pareciam assentados desde o fim da ditadura militar (MIGUEL, 2018). Questões como a defesa de direitos humanos, do combate à desigualdade social ou mesmo a defesa do sistema democrático pareciam sólidas e são rompidas por essa prática política em ascensão. Nas palavras de Miguel (2018, p.23):

Denúncias de incompetência, ignorância ou venalidade do eleitorado mais pobre, que se tornaram correntes após a reeleição de Lula, desaguaram na defesa aberta do desrespeito aos resultados eleitorais quando eles desafiavam uma suposta racionalidade superior. O discurso de que os direitos humanos “protegem bandidos” deixou de ser exclusividade das margens do campo político, em particular graças à campanha pela redução da maioridade penal. E as críticas pontuais a programas sociais, que estimulariam a preguiça e desencorajariam o esforço próprio, ganharam corpo como um discurso meritocrático que apresentava a desigualdade como a retribuição justa às diferenças entre os indivíduos.

O discurso renovado da meritocracia ressoa nas classes médias que, para além do ódio aos mais pobres, vivem o medo de perder o lugar na hierarquia social. Há nesse processo simbólico de distinção social todo um caldo de ressentimentos provocados pelos efeitos materiais das políticas públicas e do crescimento econômico, como a redução da mão de obra barata, dando condições de os trabalhadores rejeitarem salários baixos, os direitos a classes até então invisíveis, como as domésticas, o crédito universitário, a implantação de cotas sociais e raciais e a ampliação das universidades federais, aumentando significativamente o acesso à educação (MIGUEL, 2018).

Castells, ao analisar a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, aponta

que, em todo o mundo, grupos étnicos e culturais têm afirmado suas identidades e lutados por direitos, deixando à margem a identidade patriarcal do homem branco (CASTELLS, 2018). Velhas estruturas são questionadas e colocadas sob escrutínio; velhas estruturas se rompem e abrem um vácuo de significados.

No Brasil, esse processo, somado à instabilidade social da classe média, conduz a uma má vontade que, para Miguel, é canalizado pela repulsa à corrupção. A política do escândalo ganha espaço e a cobertura noticiosa de processos e investigações retroalimentam boatos, gerando “uma nuvem de informações verdadeiras, duvidosas ou indubitavelmente falsas que estigmatizava o PT – e, por consequência, toda a esquerda – como a encarnação da desonestidade e do mal (MIGUEL, 2018)”.

Miguel (2018) destaca também que um dos eixos discursivos das manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff apontava uma repulsa à inclusão social – “eu quero meu país de volta” –, resultado, principalmente, da emergência de um discurso contrário à solidariedade social e à tranquilidade, com a qual as classes médias passam a manifestar o seu desconforto com a redução da distância que as separava dos pobres.

Carapanã (2018) considera, porém, que nem todos os que se interessam pela nova direita sejam necessariamente segregacionistas, nazistas ou fascistas. “O problema, mais complicado, é que essas ideias circulam sem oposição nos meios da nova direita, frequentemente defendidas sob a justificativa da liberdade de expressão (CARAPANÃ, 2018, p.35)”.

Dois aspectos importantes à nova direita são o “realismo capitalista” e sua obsessão com questões culturais, segundo o autor citado. Na questão econômica, destaca-se o ataque ao Estado como provedor de bens e serviços a todos os cidadãos. Esse Estado, essa nova direita, concederia direitos demais às pessoas erradas. “Se o neoliberalismo desmontou o Estado de bem-estar social, a nova direita quer atacar o Estado como ente que garante direitos civis, direitos humanos” (CARAPANÃ, 2018).

O ciclo de governos progressistas na América Latina acabou exigindo que a nova direita reciclasse o inimigo, diz Carapanã. Uma vez que os governos adotaram políticas sociais, mas também políticas fiscais liberais e o establishment abraçou um modelo neoliberal progressista, era necessário elaborar uma nova narrativa. Para o imaginário conservador, uma grande conspiração quer destruir valores cristãos,

como parte de um complô arquitetado por marxistas. O novo inimigo ganha a alcunha de “eles”, outro vago e maleável. “Como de costume, esse ‘eles’ sempre precisa ser amplo, vago e maleável: professores doutrinadores, artistas degenerados, banqueiros socialistas ou os globalistas da ONU”, diz Carapanã, que afirma também (2018, p.37).

Conseguiram, com imenso sucesso, vilanizar políticas que envolviam imigrantes e refugiados, homossexuais e minorias étnicas, sob o signo de que tudo isso não passaria de uma conspiração “comunista” para erodir a “civilização ocidental” e, junto com ela, o capitalismo.

A radicalização dos discursos ocorre a partir da segunda metade dos anos 2000, segundo Casimiro, como produto de uma série de iniciativas de reorganização das classes dominantes ligadas ao mercado financeiro desde os anos 1980. “Abandona-se uma espécie de ‘constrangimento’ que mantinha suas manifestações mais extremadas silentes; depois, elas passaram a caracterizar esse avanço da direita no Brasil” (CASIMIRO, 2018, p.43). Ele também atribui aos novos meios de comunicação digital e às redes sociais a força da reprodução desse tipo de concepção. “Além da maior difusão do pensamento liberal-conservador, narrativas revisionistas e as *fakenews* passaram a ‘redimir’ determinados discursos de ódio, tidos como inaceitáveis e repulsivos por décadas pela maioria da sociedade” (CASIMIRO, 2018, p.44).

3. O discurso de Olavo de Carvalho: o discurso da direita no Brasil

Publicado em 24 de setembro de 2018, com o título de “O aviso mais importante que já dei aos brasileiros”, o vídeo acumulava 1.862.119 visualizações em 7 de dezembro de 2018; o mais acessado da página de Olavo de Carvalho, segundo o ranqueamento da plataforma de vídeos *Youtube*.

Antes de seguir à observação de elementos discursivos no que diz Carvalho nesse vídeo, é relevante localizá-lo como sujeito. Em análise de discurso, Orlandi (2018, p.22) afirma que “todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação”. Quem é e como se posiciona aquele que fala é parte constituinte do processo de dar sentido, produzir símbolos e atuar ideologicamente.

Olavo de Carvalho é brasileiro, nascido em Campinas (SP), e é filósofo autodidata. Mora em Richmond, Virgínia, nos Estados Unidos. É considerado um dos principais nomes do pensamento conservador no Brasil e uma grande influência intelectual do presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL) e de seus filhos – dois dos quais também eleitos em 2018.

Em um de seus primeiros discursos transmitidos via internet após a vitória eleitoral, Bolsonaro trazia consigo o livro “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”, organizado pelo jornalista Felipe Moura Brasil, com textos de Carvalho. O presidente eleito também atribuiu ao escritor a indicação de dois integrantes de sua equipe: o ministro da Educação, Ricardo Veléz Rodrigues, e das Relações Exteriores, o diplomata Ernesto Araújo.

3.1 Desvendando os primeiros sinais do discurso

Publicado na página de Olavo de Carvalho pouco mais de uma semana antes do primeiro turno das eleições, o vídeo por ele realizado foi anunciado de maneira alarmista: “O aviso mais importante que já dei aos brasileiros”.

Dezoito dias antes, o então candidato à presidência Jair Bolsonaro (PSL) havia sofrido um atentado durante um ato de campanha em Juiz de Fora (MG).

Ao observarmos a organização do texto do vídeo, podemos tomar os primeiros minutos e os minutos finais como relacionados e, cuja conclusão seria a de um crime eleitoral na tentativa de barrar a eleição de Bolsonaro. Carvalho parte em seguida a uma explicação para essa tentativa de crime eleitoral, a partir das

condições da redemocratização brasileira.

Carvalho aparece no vídeo fumando um cachimbo e apresenta uma informação como óbvia e antecipa uma relação com o espectador (Vocês devem estar informados [...]), para então mostrar as primeiras marcas de seu discurso, como podemos observar em seu primeiro parágrafo:

Vocês devem estar informados de que a polícia, chefiada por um delegado, que foi assessor condecorado do governador petista de Minas Gerais, foi proibida de divulgar os dados da investigação declaradamente para não ajudar o Bolsonaro, mas, ao mesmo tempo, o assassino foi autorizado a dar duas entrevistas para ferrar com a candidatura Bolsonaro.

Outra demonstração dessas forças contrárias é apresentada em seguida e de maneira correlata: “ao mesmo tempo, o assassino, membro do PSOL, é autorizado a dar entrevistas para ferrar a candidatura Bolsonaro”. A nossa interpretação, não há polissemia, há apenas um sentido no discurso.

O homem preso pelo atentado é um assassino e as entrevistas são uma tentativa (de quem?) de prejudicar o então candidato.

A conclusão de Carvalho, como locutor (aquele que narra e observa os fatos) é que há um golpe, “um crime eleitoral”, uma última cartada. Nesse momento, ele inclui também um interlocutor secundário: desses que já viram que estão encurralados por uma população que os odeia. Até aqui, ele não diz quem são eles, os outros, mas apresenta um enunciador universal: “o pessoal pode se perguntar, como foi possível chegarmos a isso”?

3.2 Revisando a história

A resposta a essa pergunta traz outra marca discursiva, ao afirmar que ser necessário contar a história direito e ao chamar o processo pelo qual o país passou, ao fim da ditadura civil-militar, de a tal da redemocratização, numa demonstração de desdém. Os trechos a seguir ilustra tal perspectiva:

Quando houve a tal da redemocratização, todos os políticos que emergiram das catacumbas ou voltaram do exílio era esquerdistas, todos eles. Alguns profundamente comprometidos com o partido comunista desde há décadas. E tinha duas ou três exceções, que eram pessoas fraquíssimas, que vieram a compor o tal do PFL, que era um partido nominalmente liberal, mas que sempre procurava mostrar que não era tão direitista assim, sempre tentava dar um showzinho de isentismo, dizendo que era a favor da causa gay, da

causa essa, causa aquela outra causa feminista, abortista etc etc para não parecer muito direitista.

As exceções seriam alguns integrantes do PFL, partido criado a partir de uma debandada do PDS, partido sucessor do Arena⁶, que dava sustentação à ditadura, mas isso Carvalho não menciona no vídeo. A falta dessa informação é igualmente importante de ser observada, pois o discurso se constrói também no que é silenciado. Essas exceções ou mesmo os esquerdistas que voltavam do exílio não são identificados, cabendo à audiência a possibilidade de imaginar quem são esses sujeitos.

3.3 Sinais da grande conspiração

Os minutos que seguem trazem então um encadeamento de ideias do qual o locutor relaciona essas condições da tal da redemocratização com um sistema calculado para haver um rodízio entre PT e PSDB, com ajuda do PMDB. Todos eles, diz Carvalho, eram comunistas:

[...] o PT era assim, o comunista mais radical, o PSDB era o comunista mais adocicado e o PMDB, que sempre foi controlado pelo Partido Comunista, tinha a função de parecer o partido isento.

Esse recorte antecipa, em relação ao mesmo vídeo, e reforça, em relação ao que Carvalho diz, a ideia de que, a ditadura civil-militar brasileira foi substituída por um arranjo democrático gestado por comunistas e que esse processo sempre foi contra a maioria da população. Com essa constatação, ele apresenta e começa a dar forma a um inimigo.

Essa análise nos parece especialmente importante após a leitura dos outros autores apresentados neste trabalho, quando falam dos revisionismos históricos e da ausência de constrangimento em produzir informações sem realidade material. Consoante Orlandi (2012), “o dizer tem sua história. Por não considerar essa história, o sujeito tem a ilusão da realidade do pensamento, isto é, o discurso se apresenta como reflexo de seu conhecimento objetivo da realidade” (1975 apud ORLANDI, 2012, p.23)⁷”.

⁶ No período da Ditadura Militar, o Arena era o partido de sustentação do regime, enquanto MDB representava a coalizão de resistência. Depois chamado PMDB, o partido voltou a adotar a antiga denominação em 2017.

⁷ PÊCHEUX, M; FUCHS, C. Miser au point et perspectives à propos d l’analyse automatique des discours.

3.4 Ecos da Guerra Fria

Olavo de Carvalho afirma que o arranjo democrático foi realizado à revelia da maioria da população brasileira, que era acentuadamente conservadora, chegando a 80% da população brasileira, sobretudo no ponto de vista moral e social. Isso, garante, era mostrado em todas as pesquisas. Em suas próprias palavras:

Ora, acontece que essa democracia estava contra a maioria da população. A maioria da população brasileira, segundo todas as pesquisas, era acentuadamente conservadora, sobretudo no ponto de vista moral e social. Isso todas as pesquisas, inclusive da Datafolha mostrava isso. Então num país que tinha maioria de 70% a 80% de conservadores, você não tinha um partido conservador, não tinha um jornal diário conservador, você não tinha um canal de TV conservador, não tinha uma universidade conservadora, não tinha uma revista semanal conservadora, não tinha nada.

Um dos pontos de revelia nessa relação, segundo o escritor, seria mostrado pela ausência de aparelhos conservadores na sociedade, como TVs, rádios, revistas, excluindo e amordaçando a população conservadora. Há uma repetição de uma ideia, de que os brasileiros conservadores foram calados pela democracia. E continua

[...] a população foi totalmente excluída da democracia. No entanto, essa ideia de democracia, ela tinha a seu favor a estabilidade, ela funcionava, ela tinha eleições e parecia que estava tudo normal de um certo ponto para cima. Aqui embaixo estava tudo, todo mundo oprimido, sem ter meios de expressar sua opinião, mas lá em cima estava muito bem, era a democracia deles.

A democracia, portanto, foi um mal para essa maioria sem voz. Carvalho apresenta ainda a assimetria desse processo: “lá em cima estava muito bem, era a democracia deles”. É possível observar nessa passagem outra marca em que a ideologia se manifesta a partir da conclusão de que a democracia deles era aquela gestada pela esquerda, pelos comunistas. Esses são os inimigos, apresentados repetidamente e novamente a seguir, numa revalidação de antigos assombros, que ressoam das catacumbas da Guerra Fria.

3.5. Financiadores do comunismo no mundo

Citamos outro trecho:

O comunismo e o socialismo são redes internacionais, não são partidos nacionais. Todos eles estão ligados e tem conexões com o mundo inteiro e tem apoio das grandes, megafortunas, os bancos, o pessoal do Bilderberg, George Soros, Zuckerberg, toda essa gente.

Até mesmo o criador do Facebook, rede social criada em 2004, estaria entre os financiadores desse sistema. Em outra afirmação categórica, Carvalho repete, reafirma e diz ser evidente que foi uma democracia calculada para “consolidar o poder comunista, socialista etc, mais ainda após a fundação do Foro de São Paulo”.

A ideia do Foro de São Paulo como encarnação do mal é repetida diversas vezes nos minutos seguintes. São sete citações ao Foro de São Paulo. A organização de países e partidos de esquerda é apresentada em uma elaborada trama que envolve narcotráfico, tráfico de influência, atentados terroristas e uma ligação íntima com o PT, o que, segundo ele, colocaria o “partido na ilegalidade desde os anos 1990, colaborando com essa quadrilha criminosas, colaborando com várias quadrilhas criminosas desde 1990 e a mídia inteira fazendo o possível para não ver”.

Nessa frase final há outros elementos importantes da ideologia e do discurso de Olavo de Carvalho atuando e nos quais é possível identificar o que hoje se vê em ataques sistemáticos ao trabalho da imprensa, como parte de uma conspiração globalista e, ao mesmo tempo comunista, e ao que outros autores citados nesse trabalho apontam como a personificação do PT como operador do mal e seu principal nome, Lula, como o fundador da crise.

O ex-presidente petista, atualmente cumprindo pena de 12 anos de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro, cometeu crimes muito maiores, diz Olavo. Seu discurso vem acompanhado de galhofas: “isso aí é a mesma coisa que você condenar o Stálin porque o Stálin peidou, a proporção é essa”. Os crimes mais graves, segundo ele, estariam ligados aos crimes do Foro de São Paulo e ao financiamento de terrorismo e narcotráfico pelo governo venezuelano de Hugo Chavéz, com a ajuda de seu Lula e do PT.

Ainda se valendo de mecanismos de repetição, Olavo volta a se reportar contra a imprensa e acusa: são todos criminosos. A grande imprensa, Folha de São Paulo, Globo, Estadão, Veja, todos seriam cúmplices do esquema para manter no poder PT e PSDB contra a vontade expressa da maioria da população. E para dar a essas organizações o poder de cometer todos os crimes que desejem, sem jamais

ser punidos.

A partir desse momento, Carvalho começa a fechar a ideia com que abre o vídeo. “Há uma grande conspiração entre a grande imprensa, os partidos constituídos e o poder financeiro internacional contra a candidatura de Bolsonaro”. Mesmo partidos de viés conservador (nos costumes) e liberal (na economia), como o Partido Novo, seriam artífices desse esquema. Autorizar que o homem acusado de esfaquear o então candidato à presidência seria um ataque à candidatura de Bolsonaro, mas também, e principalmente, um artifício para a manutenção de um esquema criminoso.

Os três atos finais do vídeo merecem destaque pelo pelos imperativos gramaticais e pela clara tendência autoritária, conduzindo a uma única conclusão possível:

Gente, acorde! Não é uma disputa política, não é uma disputa eleitoral, tá certo? É uma disputa contra o banditismo organizado, contra criminosos psicopatas, gente sem escrúpulos de espécie alguma, incluindo os colaboradores mais suaves tipo Alckmin. Todos eles estão metidos nisso, todos, sem exceção. Acordem. É ou eleger o Bolsonaro ou dizer adeus ao Brasil.

E encerra o texto batendo à mesa, em uma imagem que demonstra, ao mesmo tempo, autoridade e a impaciência de alguém que diz aquilo que já deveria ser do domínio de todos. Importante notar ainda que o gesto vem na sequência de uma informação que remete ao “Brasil, ame ou deixe-o”, slogan usado no início dos anos 1970, durante a fase mais aguda da Ditadura Militar.

4. Considerações finais

Ainda que só o distanciamento proporcionado pelo tempo e pela história permita uma análise mais clara do período que vivemos, já não parece arriscado afirmar que estamos passando por um período de transformações profundas, de alterações paradigmáticas e novas atribuições simbólicas no sentido que damos às relações, na maneira como nos comportamos em sociedade, em nossa vida social, nas relações com o trabalho e com as tradições.

Os meios de comunicação, as redes sociais, a desregulamentação das leis de trabalho, as novas gramáticas pelas quais as minorias se comunicam e se enxergam são todas facetas de um mundo de múltiplas identidades e funcionamentos. Quando ignoramos que essas mudanças são percebidas de maneiras diferentes para os diferentes sujeitos, ignoramos também a possibilidade de que essa mesma reorganização possa conduzir ao retrocesso, num caminho de vigilância e desconfiança.

A observação desses movimentos demonstra como existem múltiplas desestruturações em andamento, passando pelo avanço populista, pela falta de credibilidade das instituições constituídas, mas principalmente pela falta de um ente que permita reelaborar essas combinações. A globalização rompeu barreiras físicas e colocou diferentes camadas culturais em contato e, ao mesmo tempo, minou os referenciais de quem não estava no centro da mudança. É, portanto, uma crise econômica, mas também de modelo civilizatório.

É nesse vazio de significados que a nova direita avança. A depender do que dizem seus representantes, como Olavo de Carvalho, e mesmo o presidente Jair Bolsonaro e seus filhos, todos alçados a referências do pensamento conservador, vivemos uma grande conspiração, baseada principalmente em uma suposta “agenda” comportamental. Ainda que não haja qualquer evidência na realidade material de que os valores judaico-cristão estejam sob ataque, estamos diante de uma permanente atmosfera de vigilância e desconfiança mútua. Valores universais e filosóficos, como a solidariedade, a tolerância e a justiça passam a ser vistos como valores da esquerda e que merecem ser combatidos.

Ao fim desse percurso de investigação e interpretação, muitas perguntas permanecem sem resposta e outras tantas ainda merecem ser feitas na tentativa de compreender o projeto de poder que estimula e promove uma certa inversão

discursiva. A fuga à verdade nunca pareceu tão sólida e a comunciação, tão líquida.

Ainda que se considere a existência de diferenças brutais na formação dos dois países, é importante notar o funcionamento do governo Trump no que se refere ao discurso por duas razões, principalmente. A primeira é a influência e poder do país, o “grande líder ocidental”. A outra é a bastante pública e declarada admiração dos Bolsonaro ao presidente Trump. Se, nos Estados Unidos, o ataque à razão e à verdade atinge seu ápice no primeiro ano do mandato de Trump, podemos nos perguntar se, no Brasil, demos início a um ciclo parecido, e com o estímulo e participação direta do líder da nação.

Desde o início da pesquisa que compõe esse trabalho, o presidente eleito e seu ideólogo mais de uma vez estimularam e alimentaram o clima conspiratório, jogando para uma plateia cada vez mais entrincheirada, cada vez mais imersa num clima de medo, insegurança e dúvida. O ódio é o afeto que os une.

5. Referências

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CARAPANÃ. **A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo**. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo**. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. 1 ed

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2005.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LEBRUN, J. P. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe. **A reemergência da direita brasileira**. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio a democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ROCHA, Camila. **O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância**. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. 1 ed

OLIVEIRA, Dennis de. Ação direta do capital: o poder do capitalismo contemporâneo. **Revista Psicologia Política**, São Paulo. v. 15, nº 33, p. 405-421, 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1519549X20150002&lng=pt&nrm=iso

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUTO, Lucia Regina Florentino; NORONHA, Gustavo Souto; COSTA, Ana Maria; PEREIRA, Telma Ruth; NORONHA, José Carvalho. **Civilização ou barbárie. Saúde Debate**. v. 42, n. especial 3. Rio de Janeiro: nov. 2018. p. 125-144.

Anexo

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Px52qSmdQs8>

O aviso mais importante que já dei aos brasileiros

Vocês devem estar informados de que a polícia, chefiada por um delegado, que foi assessor condecorado do governador petista de Minas Gerais, foi proibida de divulgar os dados da investigação declaradamente para não ajudar o Bolsonaro, mas, ao mesmo tempo, o assassino foi autorizado a dar duas entrevistas para ferrar com a candidatura Bolsonaro.

É o último golpe, foi a última cartada desses que já viram que estão encurralados por uma população que os odeia e que vão tentar uma cartada final culpando o próprio partido do Bolsonaro, por esse crime cometido por um membro do PSOL.

Muito bem, então o pessoal pode se perguntar: como foi possível nós chegarmos a isso, em que um crime eleitoral é cometido na sua cara, pelo delegado, pela polícia, pelo governo, pelos órgãos de comunicação, assim, na véspera de uma eleição. Como pudemos chegar a isso? Então para isso nós temos que voltar um pouco no tempo e contar a história direito.

Quando houve a tal da redemocratização, todos os políticos que emergiram das catacumbas ou voltaram do exílio era esquerdistas, todos eles. Alguns profundamente comprometidos com o partido comunista desde há décadas. E tinha duas ou três exceções, que eram pessoas fraquíssimas, que vieram a compor o tal do PFL, que era um partido nominalmente liberal, mas que sempre procurava mostrar que não era tão direitista assim, sempre tentava dar um showzinho de isentismo, dizendo que era a favor da causa gay, da causa essa, causa aquela outra causa feminista, abortista etc etc para não parecer muito direitista.

Eu me lembro até que um membro dele, que era o Claudio Lembo, quando eu o conheci, ele me apresentou aos seu colegas do Mackenzie, dizendo “esse é o homem mais direitista do Brasil”. E ainda me recomendou “você não pode ser tão direitista assim, você tem que ler um pouco do evangelho”. Eu estava com o evangelho no bolso e disse “é esse aqui?” Era um palhaço, evidentemente.

O PFL era todinho composto desses palhaços, é um partido que acabou se implodindo a si mesmo para desimpedir o caminho. A função dele era essa, servir de camisinha para os outros partidos.

Fora isso, havia três agremiações em jogo, que eram o PT, o PSDB e o PMDB. Desses, assim, o PT era assim, o comunista mais radical, o PSDB era o comunista mais adocicado e o PMDB, que sempre foi controlado pelo Partido Comunista, tinha a função de parecer o partido isento, de partido sem autodefinição ideológica, onde outros podiam fazer as misturas que quisessem. Este composto que estava 100% a serviço dos comunistas foi o que constitui o que nós chamamos de a democracia brasileira, a redemocratização.

Então era um sistema calculado para haver sempre um rodízio de poder entre o PT e o PSDB, com a ajuda de seus servidores no PMDB. Isto foi a democracia.

Ora, acontece que essa democracia estava contra a maioria da população. A maioria da população brasileira, segundo todas as pesquisas, era acentuadamente conservadora, sobretudo no ponto de vista moral e social. Isso todas as pesquisas, inclusive da Datafolha mostrava isso. Então num país que tinha maioria de 70% a 80% de conservadores, você não tinha um partido conservador, não tinha um jornal diário conservador, você não tinha um canal de TV conservador, não tinha uma universidade conservadora, não tinha uma revista semanal conservadora, não tinha nada.

Ou seja, a população foi totalmente excluída da democracia. No entanto, essa ideia de democracia, ela tinha a seu favor a estabilidade, ela funcionava, ela tinha eleições e parecia que estava tudo normal de um certo ponto para cima. Aqui embaixo estava tudo, todo mundo oprimido, sem ter meios de expressar sua opinião, mas lá em cima estava muito bem, era a democracia deles.

Essa democracia foi muito bem vendida internacionalmente, mesmo porque todos esses políticos tinham um certo prestígio internacional e nós sabemos que o comunismo é uma rede internacional. O comunismo e o socialismo são redes internacionais, não são partidos nacionais. Todos eles estão ligados e tem conexões com o mundo inteiro e tem apoio das grandes mega fortunas, os bancos, o pessoal do Bilderberg, George Soros, Zuckerberg, toda essa gente. Então é um poder descomunal que controlava o Brasil, a parte superior do Brasil, mantendo o povo sob censura, com mordação durante 30 ou 40 anos. Isso foi a democracia brasileira. Muito bem.

Então é evidente que foi uma democracia calculada para consolidar o poder comunista, socialista etc, mais ainda após a fundação do Foro de São Paulo. O Foro de São Paulo era uma organização nitidamente criminosa, onde partidos supostamente legais se associavam intimamente a organizações criminosas como as Farc, o Mir Chileno, que tinha o monopólio dos sequestros na América Latina, as Farc, sobretudo, que eram a grande fornecedora de cocaína ao mercado brasileiro, tudo isso, vamos dizer, numa intimidade totalmente obscena.

E na época, se você dissesse que havia uma parceria entre PT e Farc, ficava todo mundo escandalizado, mas você estava vendo lá o Lula presidindo o Foro de São Paulo junto com o Manoel Marulanda, que era o presidente das Farc. Ou seja, a parceria era óbvia, inegável.

O Foro de São Paulo era uma organização internacional e a lei eleitoral brasileira proíbe o registro de qualquer partido que tenha filiação a qualquer órgão internacional. Então o PT está na ilegalidade desde 1990 e colaborando com essa quadrilha criminosa, colaborando com várias quadrilhas criminosas desde 1990 e a mídia inteira fazendo o possível para não ver.

Tanto que a própria existência do Foro de São Paulo, não esqueçam isso, o Foro de São Paulo foi a maior entidade política que já existiu na América Latina, congregando 200 partidos e outras organizações e isso nunca existiu na América Latina. E durante 16 anos, a mídia inteira escondeu negou a existência do Foro de SP. Ora, então quer dizer que a mídia faz parte desse esquema. A mídia a inteira, inteira. Claro que sempre tem um ou outro que não concorda, mas tem que ficar quietinho porque a maioria da redução o oprime e não deixa falar.

Então, veja. Uma coisa que eu recomendo para que vocês entendam tudo o que aconteceu e está acontecendo na América Latina e no Brasil é isto aqui: Leonardo Coutinho, Hugo Chávez, o espectro.

Isso aqui mostra, baseado só em documentos oficiais, do começo até o fim, o envolvimento do governo da Venezuela no tempo do Hugo Chávez e agora, narcotráfico, terrorismo, no mundo inteiro. Por que a Venezuela foi para o buraco, por que acabou a economia venezuelana? Porque o Hugo Chávez, que se elegeu prometendo restaurar a economia, destruiu tudo financiando terrorismo e narcotráfico no mundo inteiro com a ajuda do seu Lula e do PT.

Então essa gente está envolvida num rede criminosa de tamanho descomunal. Tanto que condenaram o Lula por causa de um apartamento ou um

sítio é ridículo. Isso aí é a mesma coisa que você condenar o Stálin porque o Stálin peidou, a proporção é essa.

Quer dizer, eles estão pegando os crimes pequenos porque os grandes são grandes demais e todo mundo tem medo de mexer nisso. Não deixem de ler esse livro.

Esse camarada aqui era repórter da Veja e ele conta, vou ler aqui só duas linhas para você ter só uma ideia de como são as coisas:

Em abril daquele ano, 2001, a revista Veja publicou uma capa sobre a presença de extremistas islâmicos no Brasil. Alguns deles era procurados em seus países de origem por terem realizado atentados, outros era identificados como membros ativos dessas organizações. Assinada por mim e pelo fotógrafo Juan Roel Marques, a reportagem se baseou exclusivamente em documentos oficiais. Coubemos localizá-los e mostrá-los no seu novo habitat. O trabalho provocou dois efeitos. Levou-me a ser mal falado entre os colegas de redação nas mesas de bar.

Esse é um dos efeitos, o outro não interessa. Veja, a classe jornalística é 100% cúmplice dessa coisa. São todos criminosos, gente, não estou brincando. Se você ainda tem um pingão de confiança em Folha de São Paulo, Globo, Estadão, Veja, você está sendo simplesmente enganado, porque faz parte do esquema para manter no poder PT e PSDB contra a vontade expressa da maioria da população. E para dar a essas organizações o poder de cometer todos os crimes que desejem, sem jamais ser punidos. E esses crimes, não é assim, uma compra ilegal de um apartamento, de um sítio, não. Esses crimes são terrorismo e narcotráfico. Essa gente está matando milhões de pessoas no Brasil. São genocidas, todos eles, e é esse esquema que está defendendo esses partidos, com a cumplicidade inclusive de pessoas que se dizem conservadoras, tipo o Alckmin e outros, Alckmin, Amoedo, Partido Novo, essa porcaria toda, tudo isso está dentro do maior esquema criminoso que já existiu no continente. Quando falo de esquema criminoso, não é propina, não é dinheirinho que escorregou daqui para cá. Não, gente, é genocídio, é morticínio, é genocídio, é terrorismo. Então é claro que eles têm que se defender porque eles sabem que quando o Bolsonaro for eleito, eles serão investigados e punidos. Eles não pode permitir que isso aconteça de jeito nenhum, então estão se apegando a tudo, inclusive a esse crime eleitoral explícito, descarado e obscuro que será colocar esse seu Adélio, esse criminoso na televisão na véspera da eleição para prejudicar o candidato.

Gente, acordem. Não é uma disputa política, não é uma disputa eleitoral. É uma disputa contra o banditismo organizado, contra criminosos psicopatas, gente sem escrúpulos de espécie alguma, incluindo os colaboradores mais suaves tipo Alckmin. Todos eles estão metidos nisso, todos, sem exceção. Acordem. É ou eleger o Bolsonaro ou dizer adeus ao Brasil.